

Economia, enfim, tem a sua equipe própria

Há algumas semanas, o deputado Francisco Dornelles dizia que não haveria choque na economia porque o ministro Fernando Henrique Cardoso não tinha equipe. Agora, tem.

Ao chegar ao cargo, Fernando Henrique foi criticado em seu próprio partido, o PSDB, por ter sido obrigado a engolir um prato feito. O ministro do Planejamento, Alexis Stepanenko, e o secretário da Receita Federal, Osiris Lopes Filho, escolhas pessoais do presidente Itamar Franco, tinham sido postos em seus lugares praticamente no mesmo instante da chegada do novo ministro da Fazenda.

É verdade que o presidente o deixou à vontade para substituí-los. E Stepanenko e Osiris, elegantemente, colocaram os cargos à disposição. Mas Fernando Henrique foi ficando com o primeiro porque teve medo de o PMDB querer a vaga e criar um foco de atrito, e com o segundo porque se fiou na biografia de um funcionário de carreira tido como honesto e competente, e acabou gostando dele. O ministro da Fazenda também não tinha os presidentes do Banco Central, do Banco do Brasil e do BNDES. O da Caixa Econômica, embora seja de seu partido, também não foi escolha sua.

Sem alarde, enquanto ia toureando boateiros e especuladores, domando o temperamento imprevisível do presidente Itamar, enfrentando pressões de governadores e parlamentares e, sobretudo, suprimindo a falta de um homem capaz de articular o governo com a sociedade e com os políticos, Fernando Henrique foi formando a sua própria equipe.

Primeiro, levou Edmar Bacha, Winston Fritsch e Gustavo Franco para a sua assessoria direta. Depois, conseguiu nomear Paulo Malan para o Banco Central, André Lara Resende como negociador da dívida externa e Pêrsio Arida para o BNDES.

Pela primeira vez desde Zélia Cardoso de Mello, um ministro da Fazenda tem uma equipe própria, coesa, com afinidade de idéias. Quando tanta gente de tão reconhecido talento se reúne para pensar junto numa só direção, é sinal mais forte a indicar que vem algo por aí do que as insistentes declarações do ministro de que nada de jeito nenhum virá.

No dia em que se anunciou a escolha de Pêrsio Arida, um dos pais do Plano Cruzado, o congelamento frustrado de 1986, e se pôs na agenda para o dia 14 um pronunciamento de Fernando Henrique em cadeia de televisão, a Bolsa de Valores deu um salto. Ela sobe não porque na mesma ocasião Fernando Henri-

que pela enésima vez declarou que não fará congelamento, dolarização ou qualquer outro milagre. Mas simplesmente porque viu no horizonte expectativa de choque.

É a mesma lógica que explica, por exemplo, a valorização das ações do setor elétrico. O mercado trabalha, neste caso, com a expectativa de que vem aí uma medida provisória ou qualquer outro ato do governo transformando as dívidas das empresas estatais de energia elétrica para com a Eletrobrás em moedas de privatização. As empresas transferem os títulos para a Eletrobrás, que os vende no mercado. É uma fórmula engenhosa. As estatais endividadadas ficam sem dívidas e a Eletrobrás, de cofre vazio, se enche de dinheiro.

É difícil acreditar que uma inflação desse nível baixará com prazo certo e para um índice também definido com o ministro da Fazenda apenas dizendo que não fará nada de excepcional, mesmo tendo uma equipe tão criativa à sua volta. Como se sabe, ontem Fernando Henrique prometeu ao PMDB que a inflação baixará à metade da taxa atual em abril de 1994.

A inflação ainda não está baixando com os seus três meses de gestão, mas Fernando Henrique continua dominando a cena. Ele cresce a cada crise que atravessa o seu caminho. Saiu da solene tranquilidade do Itamarati para enfrentar a tempestade do Ministério da Fazenda. E já chegou consagrado no olho do furacão.

De lá para cá, peitou os governadores com o seu jeito manso, mas decidido, enquadrou os bancos estaduais e começou a fechar acordos de dívidas dos estados, cedendo aqui e ali na hora de conferir as contas. Ganhou a batalha do IPMF no Congresso, embora a esteja perdendo agora na Justiça. Tropeçou nos salários e deu a volta por cima.

Esta semana, dominou os debates na CPI da Privatização e desceu de pára-quedas no meio da crise envolvendo Itamar, o governador de São Paulo e uma parte do PMDB. Foi ao ninho das águias, um seminário em que o PMDB queria saber que rumo ele mesmo, Fernando Henrique, está tomando.

O ministro chutou mesa, deu caneladas. Deixou bem pequenininho o deputado Paulo Ramos, ao dizer que não tinha o talento dele para aprender economia rapidamente. E bateu duro em quem entende mesmo de economia, o deputado Delfim Netto.

Tem crise, o ministro cresce.

O ideal seria que ele crescesse e a inflação baixasse.